

Os lugares dos lugares de memória dentro do espaço biográfico: vestígios transnacionais e a escrita da trajetória de padre Pietro Colbacchini

The places of places of memory within biographical space: transnational traces and the writing of Father Pietro Colbacchini's trajectory

Fábio Luiz Machioski¹

207

Resumo

No presente texto proponho uma discussão teórico-metodológica para refletir de que maneira a memória integra o campo conceitual definido como espaço biográfico. Mais especificamente, ao elencar os lugares de memória, físicos e/ou simbólicos, existentes nos espaços geográficos e sociais que foram ocupados pela personagem histórica investigada, pretendo perceber como os vestígios contidos nessas construções narrativas podem ser úteis para a escrita de sua história de vida. Almejo inferir sobre o quão semelhantes e/ou divergentes podem ser as memórias sobre um mesmo sujeito em seus diferentes contextos, e como essa constatação pode contribuir para o desenvolvimento de uma escrita histórico-biográfica. Para refletir sobre a referida problemática, farei uso das definições de lugares de memória e de espaço biográfico, respectivamente, apontadas por Pierre Nora e Leonor Arfuch, colocando-as em diálogo com uma gama de outras ideias conceituais de estudiosos como David Lowenthal, Joël Candau, Roland Barthes, Sabina Loriga e Walter Benjamin. Por fim, pretendo operar empiricamente e apresentar os espaços de memória existentes sobre a figura histórica de padre Pietro Colbacchini, que é objeto de minha pesquisa e cuja história de vida estou disposto a narrar.

Palavras-chaves: História; Lugares de memória; Espaço biográfico; Trajetória; Pietro Colbacchini.

Abstract

In this text I propose a theoretical-methodological discussion to reflect on how memory integrates the conceptual field defined as biographical space. More specifically, by listing the places of memory, physical and/or symbolic, existing in the geographic and social spaces that were occupied by the historical character investigated, I intend to understand

¹ Doutorando em História junto ao PPGHIS da Universidade Federal do Paraná pela linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História. Desenvolve pesquisas e possui interesse sobre as seguintes áreas e temas: História Cultural; Nova História Política; Micro-história: Trajetórias e Biografias de Imigração; Imigração Italiana e Patrimônio Imaterial.

how the traces contained in these narrative constructions can be useful for writing their life story. I aim to infer how similar and/or divergent memories about the same subject may be in their different contexts, and how this finding can contribute to the development of historical-biographical writing. To reflect on this issue, I will use the definitions of places of memory and biographical space, respectively, pointed out by Pierre Nora and Leonor Arfuch, placing them in dialogue with a range of other conceptual ideas from scholars such as David Lowenthal, Joël Candau, Roland Barthes, Sabina Loriga and Walter Benjamin. Finally, I intend to operate empirically and present the existing memory spaces about the historical figure of Father Pietro Colbacchini, who is the object of my research and whose life story I am willing to narrate.

Keywords: History; Places of memory; Biographical space; Trajectory; Pietro Colbacchini.

1. Introdução

O que almejo, com a elaboração da presente discussão, é elencar algumas definições e aportes teóricos que podemos considerar conceitos indispensáveis para se pensar e analisar as relações entre dois temas fundamentais no campo da escrita da História, a memória e a biografia. Meu principal objetivo é, portanto, refletir como a memória pode ser útil no processo de produção de uma escrita historiográfica, particularmente, de uma narrativa que seja ao mesmo tempo histórica e biográfica. Mais especificamente, tenho a pretensão de investigar o papel que os suportes que promovem rememorações, conhecidos como lugares de memória, podem ocupar em uma pesquisa empírica voltada para a investigação da experiência de vida de um sujeito e, conseqüentemente, na elaboração de uma narrativa de cunho histórico e biográfico.

Nessa direção, pretendo compreender se os ditos lugares de memória, conforme apresentados pelo historiador francês Pierre Nora, podem ser classificados como uma espécie de dispositivos “biografemáticos”. Por meio da referida perspectiva, desejo analisar se eles podem ser enquadrados na concepção de “biografemas” apontada por Barthes, ou seja, se oferecem pormenores a respeito de uma vida e, dessa maneira, tornam possível o seu uso para a escrita de uma biografia. Sendo assim, a problemática que apresento é: poderíamos, por meio dos lugares de memória, inferir sobre a existência de uma memória “biografemática”, enquanto categoria útil para a construção de uma narrativa histórica?

Essa minha indagação é motivada, sobretudo, por conta da pesquisa que desenvolvo sobre o percurso trilhado por um missionário italiano que atuou no Brasil no final do século XIX. Trata-se da personagem histórica de Pietro Colbacchini, missionário católico que exerceu sua atividade religiosa nas regiões de colonização italiana de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Em recente pesquisa, por meio do método conhecido nas ciências sociais como análise do discurso, tive a oportunidade de realizar um estudo acerca da prática discursiva que o referido religioso desempenhou em meio aos imigrantes italianos que se estabeleceram no Paraná. Na ocasião, pude me debruçar sobre os escritos produzidos pelo padre Colbacchini durante os anos de 1886 e 1901.

A maior parte dessas fontes, que foram arroladas na citada pesquisa, foi escrita pelo próprio sujeito investigado e constitui um agrupamento de cerca de 300 correspondências, alguns relatórios, uma homilia, um guia espiritual e um mapa que, conseqüentemente, formam também uma espécie de narrativa autobiográfica do sacerdote. Sendo assim, tais fontes, que já foram analisadas preliminarmente e, que certamente, serão utilizadas para a construção de uma história biográfica do indivíduo estudado, revelaram a possibilidade de avançar na pesquisa por meio de um novo modelo de investigação, agora de caráter biográfico. Elas me impulsionaram não só para uma releitura do material, sob essa nova perspectiva de análise, como também para a busca de novas informações sobre aquele que as escreveu, contidas em outros escritos e tipos de fontes históricas.

O que me leva a pensar nos suportes de rememoração, como fornecedores de indícios para a escrita de uma biografia, é meu interesse em perceber como as descrições feitas por outros sobre a personagem histórica de Colbacchini, que se fazem presentes em vários trabalhos de cunho memorialístico, podem contribuir para a produção de uma narrativa historiográfica de sua trajetória.

Nesse sentido, busco apresentar as formas como o referido sacerdote é descrito e representado em algumas obras que, ao tratar da história do seu local de origem, da congregação à qual o mesmo pertenceu, como também, das colônias italianas nas quais ele atuou, comportam uma série de memórias sobre o dito sacerdote e, conseqüentemente, fazem delas diversos usos que, por sua vez, correspondem aos seus diferentes interesses. Com isso, desejo visualizar quais são os vestígios históricos presentes nas formas de rememoração que se referem a sua pessoa, promovidas tanto em sua terra natal na Itália, como nas regiões de colonização italiana do Brasil em que o mesmo exerceu a sua

atividade missionária. Em outras palavras, pretendo elencar o conjunto de indícios transnacionais contidos nos diferentes lugares de memória produzidos sobre a, ou ainda, em torno da personagem do referido padre, cuja trajetória de vida estou disposto a narrar.

Anseio refletir ainda sobre qual seria o papel que esses lugares de memória, sejam eles físicos ou simbólicos, desempenham em um determinado espaço biográfico, no caso do presente estudo, àquele ocupado pela figura histórica de um missionário católico italiano em meio aos seus conterrâneos e os imigrantes desta mesma etnia. Estou me referindo às memórias compartilhadas por estes últimos com seus descendentes e, que de alguma forma, foram herdadas por suas novas gerações, chegando até o tempo presente. Para tal empreitada, almejo me ancorar teoricamente em categorias de análise e conceitos elaborados por uma série de estudiosos que se debruçaram sobre as temáticas da memória e da biografia e, sobretudo, abordaram como o historiador pode se valer delas para produzir narrativas e operar a escrita da história.

2. Os lugares de memória como “biografemas”: vestígios para a constituição de uma narrativa biográfica

Um conceito primordial para dar início a análise aqui proposta, e que já foi, e ainda é muito discutido e utilizado na historiografia, é a definição de memória. Inúmeros estudiosos das ciências sociais, incluindo muitos historiadores, já realizaram ricos e intensos debates em torno do tema e produziram diversas contribuições a seu respeito.

Uma dessas discussões sobre a temática, que rendeu incontáveis estudos, deu-se em torno das categorias de memória individual e de memória coletiva. O fato é que, pelas duas categorias estarem imbricadas e andarem sempre entrelaçadas, ao citar uma não há como não envolver a outra. Creio ser esse o motivo de tamanha dedicação ao tema: há uma relação dialética entre as duas, na qual a memória coletiva está ligada ao compartilhamento intersubjetivo de lembranças e rememorações de indivíduos que constituem determinado grupo social, que por sua vez formulam suas memórias individuais pautados em um sentimento de pertença oferecido por uma memória que lhes é, em certa medida, comum e compartilhada.

Segundo Pierre Nora, que ao desenvolver trabalhos sobre a identidade francesa se tornou uma das autoridades sobre o assunto, a memória é

[...] sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do

esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993, p. 9).

Ainda segundo o autor, isso se dá pela *aceleração da história*, que significa o “arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo”. (Nora, 1993, p.7). Diante dessas afirmações, formuladas pelo referido historiador, pode-se compreender que a memória é preservada por meio de vestígios de acontecimentos e experiências vividas no passado que de alguma forma são mantidos e transmitidos pelos grupos sociais que vivem no presente, que por sua vez as perpassam e transmitem para as gerações futuras. E, principalmente, que a memória é passível de atualizações, transformações, mutilações e multiplicações decorrentes dos usos de que dela fazem os indivíduos e suas coletividades.

Penso que é isso que Nora quis explicar ao escrever que, por ser “afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções”. (1993, p. 9). E ainda, ao afirmar que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”. (Ibidem).

Portanto, a memória é ao mesmo tempo múltipla e seletiva, pois é carregada por uma imensa variedade de grupos vivos que escolhem o que e como lembrar e esquecer, o que e como deve ser mantido e aquilo que deve ser descartado. Essa seleção parte das experiências e dos interesses dos grupos que escolhem qual memória deve ser reforçada e as maneiras com que ela deve ser trabalhada e comunicada, enfim, usada. Ou seja, é o grupo que define que uso fará da narrativa que quer produzir para se promover, e o que quer que seja comunicado para si mesmo e/ou de si para os outros. Dito de outra maneira, é o grupo que age como o narrador de si mesmo. É este esforço, esta produção feita por parte dos indivíduos de certo agrupamento, que construirá a sua memória.

Com esse processo, a memória se constitui como organizadora da experiência dos indivíduos, pois é ela que estrutura e que dá sentido de ser e existir ao grupo que a concebe, pois este a produz pensando em si mesmo e a gesta como uma representação coerente com os seus interesses, com aquilo que o mesmo define como sendo a sua referência, capaz de promover a manutenção de si próprio e de sua identidade.

Sendo assim, pode-se afirmar que a memória é um fenômeno construído e organizado em torno das preocupações e intenções de quem a promove. A memória trabalha para perpetuação da identidade do seu grupo promotor, tendo este por função fazer ressurgir da sua experiência aquilo que o mesmo imagina, ou por algum motivo precisa e quer considerar, fundamental para a sua história. Assim, para que exista a construção da memória em uma comunidade é preciso primeiro existir um desejo, ou seja, uma vontade de memória, que por sua vez pode ser traduzida como a promoção dos interesses de quem a promove.

Os indivíduos de um determinado grupo ao selecionarem e promoverem as lembranças que pretendem registrar e divulgar, concomitantemente, ao deixarem de expor e silenciarem outras recordações, pelo fato de as considerarem não condizentes com a sua história, estarão assim definindo a sua memória e, conseqüentemente, forjando sua identidade. Não é errado inferir, portanto, que na realidade a memória é constituída apenas de alguns vestígios de determinados eventos e acontecimentos históricos, pois ela rememora somente os fragmentos e as parcialidades que interessam aos membros do grupo que a constrói e a mantém.

Entendo que é isso que, Candau explica ao afirmar que “nós não captamos senão acontecimentos passados cujo afastamento contínuo no tempo não concede mais do que fragmentos do real em pedaços, em suma, vestígios fugazes e infinitesimais a partir dos quais nós depois tentamos refazer uma totalidade”. (Candau, 2005, p. 141). Nesse sentido, a memória nunca é total, mas sempre fragmentada, pois ela é manipulada para atender certos objetivos, expectativas, vontades e, sobretudo, por meio disso, reconstruir e afirmar identidades.

Por ser, ao mesmo tempo, formadora do grupo social na qual ela é produzida e promovida, a memória se torna um forte elemento de constituição da identidade, ou seja, do sentimento de pertença dos indivíduos à sua coletividade. Conseqüentemente, como também afirma Candau, “não há lugar para distinguir memória e identidade de tal forma as duas noções estão ligadas”, não tendo como se produzir e manter uma sem a outra. (2005, p. 142). Então, por consequência, os lugares de memória se constituem em estruturas simbólicas para a identidade dos grupos ou dos indivíduos que os criam como representações de si e de suas experiências. Neles, o pertencimento torna-se um discurso patrimonial, que se fundamenta frequentemente num apelo à sobrevivência de uma identidade local, regional ou nacional. (Candau, 2005, p. 145).

De acordo com Nora (1993), os lugares de memória são essas estruturas simbólicas que transmitem identidade, pois de alguma forma registram, documentam e legitimam a vida de indivíduos e grupos. São espaços, que podem ser físicos ou não, mas que sempre serão simbólicos por guardarem vestígios das ações passadas com o anseio de imortalizá-las no tempo e impedir o seu esquecimento. São lugares onde a memória trabalha e é trabalhada, e que na maioria das vezes surgem de maneira intencional, como documentos, museus, arquivos, festas, datas, comemorações, coleções, cemitérios, tratados, monumentos, santuários, associações, documentários, etc. Marcos testemunhais de uma era que passou, mas que em certa medida permanece por meio de ilusões de eternidade, que são escolhidos para serem registrados e preservados devido aos interesses que representam.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar comemorações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se ancora. [...] E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (Nora, 1993, p. 13).

Pautando-me sobre essas últimas afirmações, gostaria de inferir, mais uma vez, que os lugares de memória são vestígios da história, fragmentos e partes não aleatórias dos eventos históricos que são mantidos com a intenção de preservar apenas particularidades. Na minha concepção, eles devem ser encarados pelos desbravadores da história como a ponta de um iceberg, pois eles escondem em sua parte submersa uma amplitude muito maior a se descobrir sobre a personagem e/ou o fato histórico do qual só uma pequena porção eles permitem enxergar.

Ao fazer esta afirmação, sempre tendo em mente a vontade de fazer uso dos lugares de memória a fim de realizar uma pesquisa de cunho biográfico, me remeto à quão válida é, para essa perspectiva de narrativa histórica, a ideia de *biografia coral* apresentada por Sabina Loriga. Esta historiadora, ao estudar os modelos clássicos de biografias, que classificam o homem biografado ora como herói, ora como patológico, e outra ainda como partícula, aponta para uma nova possibilidade e potencialidade de narrativa biográfica, pautada não na negação dessas formas de se narrar as histórias de

vida dos sujeitos, mas na existência de inúmeras outras características que vão além delas, e permitem enxergar a multiplicidade de vozes existentes em um mesmo indivíduo.

Segundo a autora, o biografado não deve ser narrado como um todo, capaz de assumir o papel de representante de apenas uma única categoria, que exclui no mínimo a coexistência de um anti-herói, do não patológico e de uma subjetividade múltipla, mas também inúmeros outros fragmentos de um mesmo sujeito que revelariam seus conflitos e os aspectos singulares da sua existência. Pelo contrário,

[...] a biografia coral concebe o singular como um elemento de tensão: o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade; ao contrário, ele deve permanecer particular e fragmentado. Só assim, por meio de diferentes movimentos individuais, é que se pode romper as homogeneidades aparentes (por exemplo, a instituição, a comunidade ou o grupo social) e revelar os conflitos que presidiram à formação e à edificação das práticas culturais: penso nas inércias e na ineficácia normativas, mas também nas incoerências que existem entre as diferentes normas, e na maneira pela qual os indivíduos, “façam” eles ou não a história, moldam e modificam as relações de poder. (Loriga, 1998, p. 249).

Penso que, fica fácil imaginar que os lugares de memória são construções com propósitos determinados por normas pensadas por grupos que procuram se afirmar por meio de uma suposta homogeneidade, e que visam apresentar indivíduos históricos como lineares, na tentativa de afirmar suas identidades e promover a manutenção de si próprios. Esses agrupamentos acabam por enclausurar o indivíduo em apenas uma particularidade, apresentada como se fosse o seu todo, fazendo com que os lugares de rememoração, na maioria das vezes, escondam a pluralidade do sujeito neles representado.

Porém, se tivermos a consciência que, o mesmo o lugar de rememoração comporta apenas um fragmento, uma partícula do passado, e não é o passado em si, mas sim uma parte que o desponta, ou seja, que aponta para a busca de sua totalidade e indica sua complexidade, nos daremos conta que ele carrega em si um grande valor histórico. Assim, para o caso de uma investigação histórica sobre um indivíduo, que é minha maior preocupação neste momento, creio que podemos considerar o lugar de memória que o representa, enquanto um fragmento de sua experiência, como um forte indicador de seu valor biográfico.

Dessa forma, a melhor maneira que teríamos para desvendar o passado, seria mesclar o que David Lowenthal denominou como as três origens que promovem o seu conhecimento: a história, a memória e os fragmentos. Segundo este último historiador:

Memória, história e fragmentos oferecem caminhos para o passado que se percorrem melhor quando combinados. Cada caminho exige os outros para que a jornada seja significativa e confiável. As relíquias dão início às recordações que a história confirma e expande recuando no tempo. A história em isolamento é estéril e desprovida de vida; fragmentos significam apenas o que a história e memória transmitem. De fato, muitos artefatos surgiram como testemunhas da história ou da memória. Uma apreensão significativa do passado exige compromisso com prévia experiência, própria e dos outros, ao longo de todos os três caminhos. (Lowental, 1998, p. 166-167).

Defendo, portanto, que os lugares de memória enquanto fragmentos do passado funcionam verdadeiramente como dispositivos para a construção da escrita da história, mais especificamente, para a elaboração de uma história biográfica. Por ser um caminho que aponta para o passado, e também para a trajetória e experiência dos indivíduos que viveram nele, creio que os lugares de rememoração são de fato portadores e/ou indicativos dos fragmentos da vida desses sujeitos.

Ao contrário de memória e história, fragmentos não são processos, mas resíduos de processos. [...] Cada caminho para o passado – memória, história e fragmentos – é um campo reivindicado por disciplinas especializadas, explicitamente pela psicologia, história e arqueologia. Mas conhecer o passado envolve perspectivas mais amplas do que aquelas abrangidas normalmente por essas disciplinas. (Lowental, 1998, p. 66).

Trazendo essa afirmação para a perspectiva biográfica, penso que conhecer o vivido no passado por uma personagem histórica exige também uma análise ampla que abarque todos os resíduos deixados por ela, estejam eles presentes na história ou na memória. Estes resíduos do e/ou sobre o sujeito histórico investigado são na verdade meios para se vislumbrar as inúmeras agências e processos que o mesmo vivenciou e experimentou em sua existência. Eles permitem a construção de uma narrativa não linear da História, na qual o que importa não é o real por si só, mas sim o inteligível, isto é, as formas de entender e explicar o possível real, que sabemos ser inatingível.

Dessa maneira, é possível compreender que os lugares de memória criados em torno de um indivíduo, enquanto fragmentos de seus processos, agências e experiências, constituem-se em lugares reveladores de vestígios do vivido por uma trajetória. Posso afirmar, portanto, que estou sim considerando os lugares de memória, acerca de uma personagem histórica, como lugares biografemáticos, pois os concebo como resíduos do vivido por ela, ou seja, ocupam o seu espaço biográfico. Segundo Leonor Arfuch, que

demonstrou quão ampliado é o *espaço biográfico*, é o *valor* encontrado na construção e na ação de uma personagem que possibilita assumir uma *ordem narrativa* que é, ao mesmo tempo, uma orientação ética.

O *valor biográfico* é extensivo ao conjunto de formas significantes em que a vida, como cronotopo, tem importância... O conceito tem, na minha opinião, uma dupla valência: a de envolver uma ordem narrativa que é, ao mesmo tempo, uma orientação ética. Efetivamente, haverá diferentes tipos de valor biográfico: um valor heroico, transcendente, que alimenta desejos de glória, de posteridade; outro cotidiano, baseado no amor, na compreensão, na imediatividade; e ainda é perceptível um terceiro, como “aceitação positiva do fabulismo da vida [...]” (Arfuch, 2010, p. 69).

Portanto, creio que seja correto imaginar que os lugares de memória, ao apontarem para as ações e os processos vivenciados pelos sujeitos históricos neles presentificados, revelam o valor biográfico de determinados indivíduos. Ainda mais se, entendido nessa dupla dimensão de narrativa e ética, como infere Arfuch, o valor biográfico contido nos lugares de memória “se transforma num interessante vetor analítico para nosso tema, um modo de leitura transversal suscetível de articular não apenas gêneros discursivos, mas também os diversos “modelos” que emigram de uns a outros”. Ao indicar vozes, caracterizadas como narrativas e éticas, essas formulações memorialísticas “plasmam as vidas ideais, do eco aristotélico da “vida boa” às várias peripécias heroicas cujos traços sobrevivem em nosso tempo, incluídas evidentemente as mais recentes do “anti-herói”. (Arfuch, 2010, p. 70).

Ainda de acordo com essa última autora, que apoiou seu estudo acerca do tema no dialogismo bakhtiniano, um valor biográfico não só pode organizar uma narração sobre a vida do outro, mas também “ordena a vivência da vida mesma e a narração da nossa própria vida, esse valor pode ser a forma de compreensão, visão e expressão da própria vida”. (Arfuch, 2010, p. 55). Na minha concepção, é nesse ponto que se pode encontrar uma função para os lugares de memória, que ao referenciarem o passado querem falar ao presente, visando ordenar as vidas e as identidades daqueles grupos e indivíduos que os narram e interpretam.

Percebe-se, que está em jogo também nesse espaço de construção e manutenção de lugares de memória “a lógica – compensatória – da falta, esse vazio constitutivo do sujeito que convoca a necessidade constante de identificação, a busca, por meio das narrativas, de uma hipotética completude...” (Arfuch, 2010, p. 99). Os sujeitos que narram

e, conseqüentemente, que interpretam essas narrativas que constituem os lugares de memória, se valem desse processo dialógico para incessantemente vivenciar e comunicar essa busca por identidade, que até pode ser individual, mas é, sobretudo, coletiva.

Porque, e isso é essencial, sabemos que não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, *coletivo*, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade. (Arfuch, 2010, p. 99 e 100).

Há, portanto, nesses lugares de memória, enquanto vestígios do passado e construções biográficas, uma relação de alteridade que produzem identidade, “articulação indissociável entre o *eu* e o *nós*”. Essa inter-relação entre passado e presente, que tem por objetivo promover identidades, faz desses lugares verdadeiras narrativas que se multiplicam, ou seja, que se tornam representações de variadas vozes dentro de um espaço biográfico, ocupados pela pluralidade de grupos sociais ligados a ele. Isso se dá porque eles despertam a imaginação e a criação de

[...] modos como as diversas narrativas podem abrir, para além do caso singular e da “pequena história”, caminhos de autocriação, imagens e identificações múltiplas... Novas narrativas, identificações, identidades (políticas, étnicas, culturais, religiosas, genéricas, sexuais, etc.) que supõe a pugna e o conflito [...] (Arfuch, 2010, p. 100).

Assim, a narrativa sempre terá múltiplas utilidades. Primeiramente, haverá àquelas concernentes às pessoas e às identidades daqueles que nela são narrados. Em seguida, existirão as que se referem à construção do narrador e de suas formas narrativas. E em um terceiro momento, terá as utilidades que lhe darão aqueles que com ela interagirem e dela fizerem uso. Conforme ensinou Benjamin, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. (1994, p. 201). Dessa maneira, creio que o centro desse processo está nas mãos do narrador, é ele que tem a possibilidade de escolher o que narrar, o que quer contar e o que quer descartar em sua história. Ele é, portanto, um construtor de identidades por excelência.

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. (Benjamin, 1994, p. 200).

Compreendo assim, com a ajuda dos conceitos citados, que os lugares de memória, enquanto vestígios do passado, funcionam como uma espécie de construção narrativa que tem como objetivo perpetuar aquilo que quem narra escolhe como sendo o mais significativo e simbólico para a identidade daqueles que com ele interagem, incluindo nesse processo intersubjetivo, o indivíduo narrado e o narrador.

Nessa direção, as formas como os interlocutores se utilizam, ou seja, os valores que empregam a determinado lugar de memória, podem revelar muito sobre os processos do passado que nele estão representados, pois ele contém não só aqueles fragmentos que se apresentam na superfície, que estão escancarados, mas escondem em si uma gama muito maior de informações, vestígios submersos, dos quais não se podem negar a existência, pois estão ali escondidos, como acontece com um iceberg. Sendo assim, acredito que os lugares de memória sobre uma personagem histórica são constituintes de seu espaço biográfico e, portanto, servem potencialmente como uma espécie de ‘biografemas’, pois contém e ao mesmo tempo escamoteiam vestígios úteis, vozes potenciais para a investigação dos processos e experiências vivenciadas pelo sujeito pulverizado nesses fragmentos.

Dessa maneira, os lugares de memória serviriam para o historiador biógrafo, e principalmente para a sua narrativa de cunho histórico e biográfico, conforme bem apontou Barthes, como “alguns pormenores, alguns gostos, algumas inflexões, digamos: ‘biografemas’, em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão; em suma uma vida com espaços vazios”. (Barthes, 1990, p. 12). Seriam, enfim, indícios de uma personagem histórica que apontam para a experiência de vida que se pretende narrar, que por um lado sabe-se não poder alcançar em plenitude, mas que por outro, por meio desses pedaços que revelam partes desse sujeito esborado e disperso em pequenos detalhes, acredita-se poder dizer tudo o que a história precisa saber sobre o indivíduo a ser narrado.

Nessa perspectiva, o historiador biógrafo se torna o narrador do sujeito que está representado nos lugares de memória, pois ao unir essas fragmentações narrativas, construídas no tempo e no espaço, o mesmo se mune de ‘biografemas’, que por sua vez lhe permitem operar a escrita por meio do preenchimento das lacunas que esses pormenores rememorados lhe oferecem. Entendo, portanto, que a função que os lugares

de memória assumem é a de uma espécie de pontas de icebergs, apontamentos que apesar de não definir a personagem narrada por completo, têm a importante tarefa de indicar a direção de como o sujeito pode ser ou não narrado.

3. Os lugares de memória de Colbacchini: biografemas transnacionais entre lembranças e esquecimentos

219

Penso ser útil iniciar minha análise empírica falando da existência de um lugar de memória físico, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário na cidade de Colombo-Paraná, mais especificamente, o seu campanário, que por sua vez possui um conjunto de três sinos. Acredito que esta construção e estes objetos tenham se constituído, conforme a analogia que fiz anteriormente, na primeira ‘ponta de iceberg’, que funcionou como uma espécie de dispositivo, que me fez vislumbrar a pesquisa em torno do indivíduo que almejo biografar.

Fato é que, me recordo que desde a minha infância ouço o badalar desses sinos, assim como a história de que eles vieram da Itália e que foram doados por um padre em forma de agradecimento ao povo da ex-colônia italiana de Alfredo Chaves. Mais tarde, descobri que o dito sacerdote era Pietro Colbacchini, padre que foi responsável pela organização do atendimento religioso aos imigrantes italianos instalados em toda a região de colonização italiana formada no entorno de Curitiba no final do século XIX.

Porém só recentemente, ao visitar o alto da torre e ver de perto estes objetos sacros que se constituem neste lugar de rememoração, e ao mesmo tempo me aprofundar nas experiências vividas pelo citado religioso na região, foi possível descobrir que de fato eles são originários da região do Vêneto no norte da Itália, terra natal do sacerdote investigado, onde foram fabricados pela *Fonderia Colbachini* no ano de 1887. (Gabardo, 2022). Mas qual seria o motivo da gratidão que o fez dar tão expressivo presente para essa comunidade? Conforme relatos históricos e memorialísticos, escritos ou orais, Colbacchini presenteou a comunidade colombense com os sinos provenientes da fábrica de seus familiares, por esta ter-lhe oferecido esconderijo quando o mesmo sofreu perseguições políticas e ideológicas na capital paranaense, que culminaram em atentados contra a sua vida por parte de alguns italianos maçons e nacionalistas durante, e logo após, o período da revolução federalista. (Machioski, 2018).

Foi assim, que esse primeiro lugar de memória me suscitou o desejo de buscar por possíveis vestígios sobre a personagem histórica investigada que estariam do outro lado do atlântico, na província e cidade de origem do sacerdote. Seguindo os indícios que possuía até então, um primeiro espaço de rememoração encontrado na comuna vicentina de Bassano del Grappa foi a casa onde nasceu o sujeito a ser biografado. Ao identificar a residência, localizada na Via Angarano, número 61, foi possível descobrir que se tratava de uma moradia que abrigava uma típica e abastada família pertencente à burguesia local, que possuía posses e negócios de grande porte. Tanto é que, o nome *Pietro Colbachini fu Gio*, progenitor de nosso investigado, assim como sua nobre ocupação, *Fonditore di Campane*, estão até hoje estampados na fachada da construção, que contém ainda desenhos de sinos em alto relevo.

Outra descoberta, a de que o prédio é tombado e protegido como um bem arquitetônico e paisagístico da região, confirma que ali funcionou uma pujante fábrica de propriedade de uma notória família da cidade. Da mesma maneira, a existência de uma rua chamada Via Colbacchini reforça a ideia de que se tratava de um grupo familiar ilustre perante a sociedade de Bassano del Grappa. Penso que tais informações são importantes para me reportarem ao universo da infância e juventude do sujeito que pretendo biografar, almejando entender que tipo de educação ele recebeu e como se deu sua escolha pelo sacerdócio, assim como quem eram os outros personagens, familiares e grupos sociais, com os quais ele teve contato e de que maneira eles podem ter interferido na subjetividade do investigado.

Outro exemplo de lugar de memória, encontrado na cidade de origem de padre Pietro, é um documentário escrito sobre a sua pessoa, produzido em 1951, ano do cinquentenário de sua morte, e que é denominado '*Il missionario*'. Neste material, impresso e distribuído pelo Instituto Scalabriniano, congregação religiosa ao qual Colbacchini pertenceu, é possível perceber que o sacerdote, cujo jubileu de morte foi comemorado na ocasião, é revestido do papel simbólico do missionário e munícipe exemplar que realizou grandes feitos, como podemos ver no extrato a seguir, assinado pelo padre Francesco Prevedello, superior geral dos scalabrinianos naquele período:

Comemorar Pe. Pietro Colbacchini, fulgida glória da gentil cidade de Bassano, exaltar a memória deste glorioso pioneiro na assistência religiosa e civil dos emigrantes italianos, dedicar ao seu nome uma rua, é reconhecer e afirmar a missão benéfica da Igreja, a qual por meio de

seus filhos enfrenta e resolve os problemas sociais do momento. (Prevedello in Il Missionario, 1951, p.2).

Por esta fonte, é facilmente perceptível o uso que é feito da personagem histórica para enaltecer o instituto religioso, a Igreja Católica e a municipalidade, e assim lhes propagandear. No mesmo documento, podemos encontrar ainda outros lugares de memória simbólicos, como os representados pelas expressões o “pioneiro” e o “fundador”, assim como telegramas e mensagens trocados entre as cidades de Bassano del Grappa e Nova Bassano no Rio Grande do Sul, utilizando a rememoração da figura do padre Colbacchini como uma espécie de ponte da amizade que liga os dois espaços geográficos separados pelo oceano atlântico.

Essa forma de representação simbólica será um contínuo nos lugares de memória produzidos pela congregação Scalabriniana. Assim sendo, outra rememoração construída em torno da figura da personagem histórica de Pietro Colbacchini é aquela na qual o sacerdote italiano, que exerceu sua missão no Brasil, é descrito pela Congregação dos Missionários de São Carlos como *il fulcro brasiliano*, remetendo o mesmo perpetuamente a posição de *pioneiro*. Dessa forma, a referida ordem religiosa se apropria da imagem do missionário para afirmar a sua própria origem e identidade. Para isso, o sujeito investigado é sempre citado como um dos “heróis” da obra Scalabriniana no Brasil, como é o caso do trabalho de Mario Francesconi, membro da dita congregação que escreve:

Padre Colbacchini, chegou no Brasil por conta própria em 1885, tinha a intenção de fundar uma congregação de missionários para os emigrados naquela nação... Quando Colbacchini soube por padre Mantese que monsenhor Scalabrini havia fundado uma Congregação para os emigrados, a ela aderiu imediatamente. O bispo lhe respondeu que contava com ele para a fundação de uma “casa central” para os missionários. Pe. Colbacchini escolheu como lugar ideal Água Verde, uma colônia italiana dentro de Curitiba, onde estava construindo a igreja. (Francesconi, 1985, p. 1020).

Diante de tais elogios, cabe uma pergunta: será que o homenageado possuía esse sentimento de pertencimento e almejava ser um modelo da referida congregação religiosa, como é então descrito nesses textos memorialísticos?

Ainda sobre a história dos missionários carlistas, pode-se citar outro trabalho, o do padre Redovino Rizzardo, no qual a figura de Pietro Colbacchini recebe o adjetivo de ‘o precursor’. (1990, p. 8.) Neste livro, o autor traz pequenas biografias dos missionários scalabrinianos que atuaram no Brasil, sendo que a de número 1 refere-se à vida do

sacerdote que estou investigando. Mas diferente do anterior, esse colega de congregação faz consideráveis revelações sobre a formação do caráter do mesmo:

[...] a breve permanência entre os jesuítas foi suficiente para lhe consolidar, ou imprimir, vários aspectos de sua personalidade empreendedora, independente e autoritária. Aliás, durante toda a vida se sentirá muito ligado aos discípulos de santo Inácio de Loyola, às vezes mais até do que a própria Congregação dos Missionários de São Carlos [...] (Rizzardo, 1990, p. 9).

Apesar de, por meio do adjetivo de precursor, também o colocar na condição simbólica de pioneiro dos scalabrinianos, a descrição produzida sobre Colbacchini pelo último autor revela que ele possuía um apego muito grande aos jesuítas. Essa segunda narrativa aponta para existência de outra voz identitária que compõe o sujeito que é objeto da presente pesquisa. Esses dois exemplos de narrativas, que se constituem lugares de memória simbólicos, construídos por membros da Congregação Scalabriniana demonstram como os discursos produzidos por ela são utilizados e podem ser estudados e interpretados: havendo desde um reforço da identidade missionária da ordem que se dedica aos imigrantes, até um posicionamento de diferenciação com outra congregação católica, a qual Colbacchini teria como referência.

Outros lugares de memória acerca de Pietro Colbacchini, que se constituem em vestígios de sua trajetória, são aqueles produzidos nas colônias em que ele atuou. A primeira delas foi a já citada por Francesconi, o núcleo Senador Dantas instalado na localidade de Água Verde, hoje um bairro nobre do centro urbano de Curitiba. A narrativa, presente neste local, revela a devoção e o caráter empreendedor do padre italiano que lá trabalhou, como podemos conferir no trecho a seguir coletado do site da Paróquia Sagrado Coração de Jesus:

Pe. Pietro Colbachini, missionário italiano, enviado pelo Papa Leão XIII, chegou no bairro, celebrando a primeira missa na casa do Sr. Antônio Bonato, a 25 de maio de 1886, residindo nesta casa por três anos. Entusiasmou os colonos italianos para construir a primeira Igreja no Água Verde. O Bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, por um decreto, a escolheu para sede do reitor desta igreja para todos os núcleos italianos do Paraná, a 24 de fevereiro de 1888. O Padre Pietro Colbachini inaugurou a igreja de alvenaria (com torre e sinos que existem até hoje) a 29 de junho de 1888. Em uma carta datada de 10 de março de 1888, Padre Colbachini solicitou ao Bispo, hoje São João Batista Scalabrini, o envio de uma estátua do Sagrado Coração de Jesus.

Nesta última narrativa que, como defendi anteriormente, é na verdade apenas uma voz parcial do passado, parece haver uma relação harmoniosa entre os colonos, Colbacchini e os Bispos. Porém, é facilmente perceptível que essa é uma imagem que a igreja católica local construiu para se identificar como um espaço sagrado da instituição, e que esconde os atritos decorrentes das relações de poder que existiam entre as personagens narradas. Especificamente, a figura do padre é lembrada como o missionário que vem de longe a mando do chefe maior dos católicos romanos para trazer a boa nova, mas deixa “submersos” os conflitos vivenciados pelo mesmo, que inclusive o fizeram mudar a sede de sua missão para a colônia vizinha de Santa Felicidade.

Já no livro escrito por Susete Moletta (2007), uma descendente dos imigrantes italianos que se instalaram no núcleo Senador Dantas, que narra a história da referida colônia, Colbacchini é descrito como o grande defensor do Paraná como sendo *il paradiso del Brasile*. Nele a autora, apesar de também manter o tom laudatório, é mais incisiva e descreve da seguinte maneira a personalidade e a ação do missionário:

Astuto, minucioso, com uma boa visão prática da vida em colônia vivenciada por longos anos, e acima de tudo muito estudioso, Pe. Colbacchini fez uma proposta ao governo italiano de uma colônia-modelo no Paraná. Essa proposta foi objeto de profundo estudo em 1892, na Itália. [...] Dotado de personalidade forte, invocava o controle de todas as colônias italianas, criando uma espécie de ciúme por parte do clero local. [...] Dividir poder e recursos não fazia parte dos seus planos e do seu caráter. (Moletta, 2007, p. 102-103).

Por sua vez, essa última voz narrativa revela muito sobre o caráter do sujeito investigado, como também aponta para as relações de poder e, consequentemente, para os sentimentos que sua atividade missionária despertou em Curitiba. As variadas experiências, que Colbacchini vivenciou nos diferentes núcleos da região de colonização italiana do entorno da capital paranaense, refletem as diversas formas como ele é lembrado e/ou esquecido em cada uma dessas localidades. Após ter passado a primeira temporada no Água Verde, foi na colônia de Santa Felicidade que o sacerdote estabeleceu definitivamente a sua casa de missão.

Portanto, não é coincidência que neste último local sejam encontrados mais lugares de memória acerca da referida personagem. Isso se deve ao trabalho de memória realizado pela comunidade local, que inclusive é a única das ex-colônias da região que ainda tem até hoje sua paróquia sendo dirigida pelos padres carlistas. Isso explica porque, já no início do século XX, poucos anos após a passagem de Colbacchini, um dos seus

sucessores, o padre Giuseppe Martini, que o intitula como “sentinela”, ao recolher a memória dos imigrantes ali instalados, tratou logo de escrever:

E Santa Felicidade não deve esquecer que o Padre Pietro Colbacchini foi um dos seus maiores benfeitores e deve lembrar e colocar em prática as salutares advertências que, de viva voz e por escrito, deixou na sua partida. Ele mereceria que a colônia lhe levantasse um monumento que o recordasse aos pôsteres e testemunhasse a gratidão que se conserva por ele. Mas, aquilo que mais agradará ao padre e será útil para a colônia, é que se mantenham as obras realizadas por ele e pelos seus sucessores e caminhe naquele comportamento que ele traçou com as palavras e com o exemplo. (Martini, 1908 *apud* Geremia *et al*, 2004, p. 38).

É nítida a apropriação que Martini faz da imagem e do discurso de Colbalcchini para impor a moral católica para os colonos italianos do lugar. Porém, apesar de pedir que a rememoração maior do missionário se dê por meio da manutenção das práticas e comportamentos morais e religiosos por ele ensinados, o que se realizou na comunidade foi uma multiplicação de lugares de memória constituídos como espaços físicos que visam preservar a lembrança do sacerdote. E o primeiro exemplo partiu da iniciativa da própria igreja, ao fazer questão de expor no interior do seu templo parte dos seus restos mortais. Também a construção da igreja é constantemente citada como uma obra que foi idealizada e executada pela liderança de Colbacchini.

Figura 1 – Fêmur de Colbacchini em Santa Felicidade.



Fonte: Acervo do autor.

Seguindo o exemplo dos líderes religiosos, a comunidade civil organizada, por meio de seus representantes políticos, tratou também de conseguir colocar o nome do seu “herói” em uma das ruas do bairro. Porém, essas memórias físicas talvez sejam indicativos de que os comportamentos morais e religiosos dos descendentes dos colonos não sigam as práticas discursivas do missionário. Ou seja, funcionam como uma espécie de compensação, já que são formas mais fáceis de cristalizar lembranças do que a manutenção de práticas que correspondem à vivência de um discurso moral religioso.

Outro lugar de memória, ligado à figura do sacerdote investigado, é o ocupado por ele em relação à criação dos processos escolares instalados nas colônias, isso porque o mesmo também exerceu a função de *inspetor escolar* junto aos núcleos italianos da região. Este lugar de memória, que aponta para importância de perceber qual foi o posicionamento e a interferência de Colbacchini a respeito do processo escolar vivido pelos imigrantes, tem como um de seus representantes uma Escola Estadual, que também fica no bairro de Santa Felicidade, que ao carregar seu nome o tem como seu patrono.

A citada instituição de ensino chegou a possuir inclusive um jornal interno batizado de “O Cobalca”, apelido dado para a mascote da escola, que por sua vez foi inspirado no sobrenome de seu patrono. Neste eram recorrentes publicações de textos que contavam especificidades da trajetória do padre Pietro Colbacchini que recebiam títulos bem sugestivos como: Quem foi padre Colbacchini?; O padre dá adeus; padre escritor...; padre construtor?; padre fundador? e; padre encrenqueiro.

Figuras 2 e 3 – Jornal e Mascote da Escola Estadual Padre Colbacchini.

PADRE CONSTRUTOR?



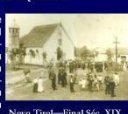
Padre Colbacchini ajudou e organizou a construção de diversas capelas em madeira e igrejas em alvenaria pelas colônias que atendia, muitas vezes indo de uma a uma em lombo de cavalo. Dentre as igrejas construídas, temos a da colônia Dantas (hoje bairro do Água Verde), inaugurada em 29 de junho de 1988 (ver foto). Esta construção substituiu a antiga capela de madeira. Porém, a primeira missa feita nesta colônia não foi nem na capela nem na nova igreja. Colbacchini a rezou em 25 de maio de 1886, na casa de um colono, Sr. Antonio Bonato.

PADRE FUNDADOR?



Quando retornou ao Brasil em 1896, Padre Colbacchini foi destinado ao Rio Grande do Sul, para dar assistência religiosa aos colonos italianos que ali moravam. Lá, fixou-se em uma colônia recém formada por cerca de 30 famílias, inicialmente chamada de Bassano Del Grappa, local pertencente à época à Lagoa Vermelha. Seu nome era uma homenagem à região de origem da maioria dos moradores e do próprio padre. Colbacchini fundou a igreja matriz local (ver foto atual). Esta colônia se tornou cidade em 1964, com o nome de Nova Bassano. O padre e estas famílias são considerados os fundadores desta cidade.

PADRE ENCRENQUEIRO?



Em 1879, um imigrante italiano, em Novo Tirol (hoje Piraquara), Giovanni B. Marconi, fundou uma escola no prédio da administração da colônia. Esta escola era dita promíscua, pois continha alunos de ambos os sexos, o que era incomum na época. Com as visitas do padre Colbacchini, que possuía um espírito autoritário, começaram as discussões entre este e o professor. O padre acusava Marconi de ser liberal demais. Com a força do padre, influente entre colonos, o professor foi expulso da escola em 1888. A escola funcionou até 1890. A partir de 1893, ele voltou a ter alunos, mas só meninos eram aceitos.

COLÉGIO ESTADUAL PADRE COLBACCHINI?



Padre Colbacchini também é patrono de outra escola, mas lá no Rio Grande do Sul (ver foto). A escola iniciou suas atividades em 1937, com o nome de Grupo Escolar Nova Bassano. Mudou de nome para Grupo Escolar Pe. Pedro Antônio Colbacchini em 1999, em homenagem a um dos considerados fundadores da cidade. O nome atual é de ano 2000. A escola oferece desde educação infantil, ensino fundamental e médio, EJA e curso técnico de Administração. Em sua estrutura possui laboratórios de informática e de ciências, biblioteca, ginásio de esportes, auditório, sala de artes, refeitório e parque infantil.

Você Sabia?



Fonte: Acervo do autor.

Diferentemente de Santa Felicidade, que possui vários lugares de memória físicos a respeito do sujeito investigado, estes aparecem de maneiras bem mais tímidas nos outros núcleos da região de Curitiba nos quais ele também atuou. Essa realidade aponta para um trabalho de esquecimento no qual a figura do padre foi substituída por outras memórias simbólicas e outros supostos “heróis”. Isso é perceptível no caso da ex-colônia italiana Alfredo Chaves que deu origem à Vila de Colombo e, posteriormente, ao município de mesmo nome. Em 1890, ano em que houve a referida emancipação, Colbacchini chegou a ser nome de uma das ruas centrais da localidade, ou seja, tratou-se

de uma homenagem em vida, pois o sacerdote ainda desenvolvia sua atividade missionária no local.

Atualmente, porém, não há mais nenhuma rua e nem outro tipo de monumento com o seu nome, sendo que o único lugar de lembrança sobre ele é um retrato escondido numa sala lateral da igreja matriz da cidade, que contém a galeria de todos os padres que por ali passaram. Em contrapartida, outro sacerdote ocupa agora o lugar de destaque, padre Francisco Bonato, que inclusive tem seus ossos expostos no interior do templo e é nome de uma das ruas centrais da localidade.

Figura 4 – Retrato de Colbacchini em Colombo/PR.



Fonte: Acervo do autor.

Outra forma de rememoração sobre a figura de Colbacchini, que antes estava na memória coletiva da comunidade e era transmitida pela tradição oral, agora só existe em poucos registros escritos, mas que também são pouco divulgados e lidos, como o exemplo do relato que segue:

Pe. Pietro Colbacchini – 1894 - Um acontecimento imprevisto abala a comunidade italiana ordeira e laboriosa de Colombo: um fugitivo marcado para morrer está pedindo abrigo. É um italiano, um padre: Padre Colbacchini, que teria feito ele? Durante um bom tempo uma casa de família de Colombo é transformada em Igreja, porque ali se instalou o fugitivo que num ímpeto de zelo apostólico enfrentou os desmandos

da autoridade civil em Curitiba. Foi por acaso que sentados num 'restaurante' da praça Tiradentes dois italianos de Colombo escutaram o plano dos assassinos. Voando em sua charrete Francisco Busato e seu companheiro João Tosin correram até Santa Felicidade avisar o Padre Colbacchini do perigo que corria. (Busato, José in Colombo, 100 anos de paróquia. 1995, p.7).

Portanto, a comunidade que um dia o escondeu para poder preservar sua vida, agora decretou a sua morte por meio do esquecimento. Certamente, isso se deve ao fato de que ali há muito tempo, desde 1915, já atua outra congregação religiosa, a dos padres passionistas. Algo semelhante acontece com as comunidades italianas de Campo Largo e Piraquara. A primeira, apesar de ter ficado por mais tempo sendo dirigida pela congregação scalabriniana, tem como principal figura heróica outro sacerdote carlista, o padre Natal Pigato. Já a segunda, apresenta um esquecimento ainda maior, pois como revela a descrição a seguir, feita por um descendente dos imigrantes italianos que lá se instalaram, esse processo iniciou por meio de conflitos existentes entre Colbacchini, o clero brasileiro e os próprios colonos, já no final do século XIX:

Em 1.885 aparece o Padre Giovanni Maria Cybeo, jesuíta italiano radicado em Nova Trento SC. Atendia as colônias italianas do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. [...] No ano seguinte chega outro jesuíta, o Padre Pietro Cobalchini. Estabelece-se na Água Verde e atende 42 colônias italianas, através da Capelania Italiana instituída pelo bispo de São Paulo em 1.888. [...] Ocorre que em 04 de fevereiro de 1.899, fora criado o curato de Piraquara. O primeiro cura foi o franciscano Frei Xisto Meiwes. [...] Sucedeu-o o secular francês Padre Jean Michel, que também residia em Curitiba. Esse padre exigiu a retirada de Novo Tirol da jurisdição da Capelania Italiana. Proibiu os missionários de entrarem em sua paróquia. [...] Contudo acreditamos que as pressões eram anteriores ao Padre Jean Michel. Em levantamento efetuado nos livros da Capelania, constatou-se de que o último casamento efetuado por capelães italianos em Novo Tirol foi em 11 de outubro de 1.898. (Tomaz et al, 1998, p. 67).

Neste trecho se lê que Colbacchini é citado rapidamente, mas que é lembrado não como um scalabriniano, mas sim como um jesuíta. Quais seriam os motivos dessa lembrança seletiva? Nossa hipótese, que evidentemente precisa ser aprofundada, é que o referido sacerdote tenha vivenciado vários embates com os clérigos e os colonos do local, o que inclusive tenha provocado a retirada do referido núcleo colonial da capelania italiana, como também é indicado na descrição acima.

Portanto, a única colônia no Paraná em que Pietro Colbacchini ocupará um lugar de destaque é Santa Felicidade, o que aponta para o trabalho de memória exercido pela

congregação scalabriniana, ainda lá presente. Não é à toa que nos seus relatórios o missionário apontará esse núcleo como sendo uma colônia modelo. Isso se deve, acredito, pelo fato de que tenha sido nela que o religioso encontrou mais colaboradores e, conseqüentemente, seu discurso teve, ao menos aparentemente, mais êxito.

Formas semelhantes de lugares de memória a seu respeito só serão encontradas na cidade de Nova Bassano no Rio Grande do Sul, onde o sacerdote atuou de 1896 até sua morte em 1901. Sobre o padre pode-se ler a seguinte descrição no site da câmara de vereadores da municipalidade: “Os primeiros imigrantes chegaram da Itália em torno de 1890. Entre eles estava o padre scalabriniano, Pedro Antonio Colbacchini (ital. Pietro...), que é considerado, com seus companheiros, o fundador da cidade”.

Nesta cidade, portanto, Colbacchini recebe o status de *fundador*, havendo inclusive uma praça, como também um colégio estadual com o seu nome, ou seja, lugares de memória parecidos aos que se encontram em Santa Felicidade no Paraná, o que indica, ao menos em um primeiro momento, que ali o indivíduo que é narrado e os seus narradores tenham vivido processos semelhantes. Porém, esses são apontamentos de como e onde continuar a minha investigação histórica a respeito da vida deste missionário católico italiano que atuou no Sul do Brasil.

4. Reflexões finais

A reunião do material, exposto neste artigo, desde os conceitos e definições sobre memória e biografia aos lugares de memória ocupados pela figura histórica do missionário italiano investigado, se constitui numa mostra de como esse caleidoscópio de vozes e imagens sobre um indivíduo, no caso Colbacchini, pode ser utilizado para a escrita de uma trajetória.

Por meio de todas as narrativas presentes nos lugares de rememoração apresentados, compostas por espaços físicos, escritos e lembranças que integram o espaço biográfico formado pela personagem histórica, foi possível perceber o valor de sua atuação no processo migratório dos italianos no Brasil, devido ao intenso envolvimento que o sujeito teve nos diferentes âmbitos de organização das colônias da referida etnia. Assim, considero que o presente trabalho serviu de indicativo de que analisar e escrever o percurso biográfico deste missionário se constituiu como tarefa historiográfica de grande valor e que, para isso, deve se valer também da memória para que venha encontrar êxito.

Ao partir de alguns biografemas, constituídos pelos vestígios presentes nos lugares de memória e suas diferentes interpretações, acabei reafirmando o quanto e como Colbacchini, que é representado de forma fragmentada, pode ter sua história de vida narrada. Nesse sentido, penso que um dever do historiador biógrafo e, conseqüentemente, no papel de narrador, é a coleta e a costura desses retalhos da vida do sujeito investigado. Isso porque um indivíduo que se constitui no objeto de pesquisa, como procurei demonstrar aqui, é categorizado por uma infinidade de adjetivos, dos quais muitas vezes só alguns são facilmente visíveis, ao serem indicados pelos vários grupos e redes sociais com os quais o mesmo interagiu e pelos diversos lugares onde passou. Nas palavras de Barthes (2010) o historiador, enquanto narrador e biógrafo, assume a função de um amigo que recolhe pedaços do indivíduo biografado e o entrega para o deleite do leitor.

No meu caso, entre os adjetivos biografemáticos que aparecem nas fontes e bibliografias já consultadas, das quais apenas uma parte foi aqui apresentada, posso elencar os seguintes: padre secular, padre scalabriniano, missionário apostólico, sacerdote, jesuíta, superior, conservador, ultramontano, romanizador, representante pontifício, intransigente, antiliberal, antinacionalista, vicentino, vêneto, italiano, alpino, camponês, sentinela, uma lenda, ponto de referência, conselheiro, amigo, orientador, escritor, mediador, fundador, inspetor escolar, pintor, decorador, construtor, arquiteto, imprudente, autoritário, arbitrário, testardo, encenqueiro, etnocêntrico, racista, crítico, ave notívaga, inimigo dos napolitanos, etc. Percebe-se assim, que enquanto um ser múltiplo, o indivíduo clama por uma biografia coral, nos moldes apresentados por Loriga (1998).

Essas características, positivas e negativas, antagônicas e protagônicas, atribuídas a personagem histórica investigada emergem das fontes como verdadeiros biografemas, sejam elas fragmentos da história e/ou da memória, que como apresentei são constituídas também por lugares de memória, tanto físicos como simbólicos, que ao revelar a multiplicidade de identidades existente na unicidade do referido sacerdote, apontam para um processo de construção de uma subjetividade individual que estou definindo como “*a persona grata et non grata* de padre Pietro Colbacchini”.

Referências

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: os dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AZZI, Riolando. *A Igreja e os migrantes. V.1. A imigração italiana e os primórdios da obra escalabriniana no Brasil, 1884-1904*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BALHANA, Altiva Pilati. *Santa Felicidade, um processo de assimilação*. Curitiba: Tip. João Haupt & Cia Ltda., 1958.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAIDO, Jacir Francisco. *O Bairro que chegou num navio: Santa Felicidade, centenário*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1978.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CANDAU, Joël. *Antropologia da memória*; tradução Miriam Lopes. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

CEQUINEL, Valdemar José. *Igreja de Rondinha: 100 anos de História e Fé*. Campo Largo: 2006.

COLOMBO, *100 anos de paróquia*. Documentário escrito do centenário da Paróquia Nossa Senhora do Rosário. Colombo, Outubro de 1995.

FEDALTO, Dom Pedro Antônio Marchetti. *Reminiscências: 90 anos de idade – 50 anos de bispo*. Curitiba: 2017.

FERRARINI, Sebastião. *O Município de Colombo*. Curitiba: Champagnat, 1992.

FRANCESCONI, Mario. *Giovanni Battista Scalabrini, vescovo di Piacenza e degli emigrati*. Roma: Città Nuova Editrice, 1985.

GABARDO, Diego. *A nossa Matriz: um olhar para além do que se vê - Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário Colombo/PR*. YouTube, 31 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g99ASCMgU28>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

GEREMIA, Mario & VIVIAN, Ervino. *Santa Felicidade – Curitiba, o início de uma bela história*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IL MISSIONARIO. Istituto Scalabriniano dei missionari per gli italiani all'estero. Bassano del Grappa, 1951.

GUIZZARDI, Laurindo. *Nova Bassano: das origens ao rair do Século XX*. Caxias do Sul: EDUCS, 1992.

Jornal da Escola Estadual Padre Colbacchini, Novembro – 2011, nº 01.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, nº 17, 1998.

MACHIOSKI, Fábio Luiz. *Uma luta ultramontana: O discurso do padre Pietro Colbacchini e o forjar da identidade dos imigrantes italianos em Curitiba no final do século XIX (1886-1901)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, Curitiba, 2018.

MARTINI, P. Giuseppe. *Origine e sviluppo della colonia Santa Felicidade*. Curitiba: 1908.

MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias de italianità e brasilità (1875 – 1930)*. Tese (Doutorado em Educação) - UFPR, Curitiba, 2012.

MOLETTA, Susete. *Da Itália para o Brasil, o casal da Capelinha da Água Verde*: Luigi Moletta e Anna Bordignon. Porto Alegre: EST Edições, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n° 10, 1993.

RADIN, Firléia Guadagnin. *Centenário da primeira missa em Nova Bassano, 25.12.1896 a 25.12.1996*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1995.

REBELLATO, Franco. Mérica, Mérica, Mérica: “basta de miséria!” *La grande emigrazione veneta di fine ‘800, sulle trace del bassanese don Pietro Colbachini, missionário e fondatore di Nova Bassano, in Brasile*. Bassano del Grappa/Romano d’Ezzelino: Comitato per la storia di Bassano/Grafiche Fantinato, 2018.

RIZZARDO, Redovino. *Raízes de um povo: missionários escalabrinianos e imigrantes italianos no Brasil (1888/1938)*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1990.

SCARPIM, Fábio Augusto; TREVISAN, Mariana Bonat. *História e Memória: diálogos e tensões*. Curitiba: InterSaberes, 2018.

TOMAZ, Antonio e THOMAZ, Ariel José. *Colônia Imperial Santa Maria do Novo Tirol da Boca da Serra: 120 anos de história*. Curitiba: Editare, 1998.